



Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua • Ano V • Nº 20 • Junho/92

### Um copo cheio de violência



**U**m menino vendedor de pipoca foi ao bar Prato D'Ouro, no dia 20 de maio, pedir um copo d'água. A dona do bar, fingendo-se de boazinha, deu-lhe um copo de água sanitária. O menino confiou na mulher e bebeu, caindo então no choro, por causa do ardor que sentia na boca e na garganta.

A dona do bar ficou rindo muito, dizendo que era pra ele nunca mais pedir água no seu estabelecimento. Isto é uma violência.

(Esta matéria foi escrita pelo menino Antelmo de Souza)

### Crianças soltas na cidade

Não é mais que um cão que ladra querendo morder. Nem um gato que mia querendo todo leite beber. Somos apenas crianças famintas e fatigadas cansadas de ser esperança morrendo antes da hora marcada.

Hoje eu grito e não desisto  
Isso não pode acontecer  
Crianças tirando do lixo algo para comer.

Temos terra e sementes  
Água, aqui, temos também  
Só não temos justiça  
e a culpa é de quem?

De quem é a culpa  
dessa tal atrocidade  
de quem é a culpa  
das crianças soltas na cidade??

**Maureliano R. da Silva -  
Daruê Malungo**

### Fome

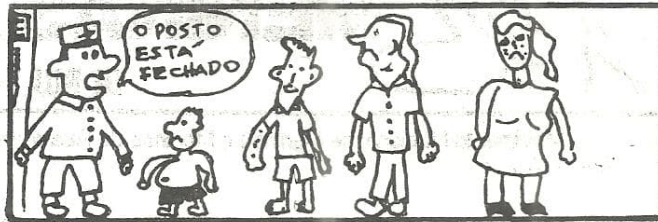
No próximo número do **GRITO** publicaremos uma entrevista com Roselândio, o menino de Peixinhos que foi baleado pela Polícia, amparado

pela CPI e esquecido pelos advogados. Roselândio hoje está passando fome e vive numa cadeira de rodas.

## Visita ao Renascer

**D**ariamente os educadores do Grupo Ruas e Praças estão com os meninos da Praça Joaquim Nabuco, observando os problemas de saúde que eles apresentam. Num certo dia, eles resolveram ir ao Projeto Renascer, na rua José de Alencar, porque pelos jornais e tevês anunciam que lá existem tratamentos médico e dentário para os meninos de rua.

Dez meninos, acompanhados pelo educador Rafael, bateram nas portas do Projeto. Rafael ficou muito admirado porque os educadores de lá se assustaram com a presença de meninos de rua. E seguiu-se o seguinte diálogo:



- Como fazemos para falar com o médico?

- Não está, faltou - responderam.

- E o dentista?

- Está mas não pode atender ninguém, porque faltam luvas pra ele trabalhar.

- E quando chegarão estas luvas? - perguntaram os meninos. Ninguém sabe...

Rafael falou então que iria perguntar à Lúcia Helena, presidente da Fundac. A resposta da educadora foi que ele "pode ir, mas ela também não sabe responder"...

Os meninos mais uma vez saíram decepcionados. E viram que estão fazendo muita propaganda de mais um projeto que não funciona.

## Dois anos sem João

Faz dois anos que João Batista foi morto, jogado da Ponte da Boa Vista dentro do Rio Capibaribe.

São dois anos de silêncio e de calma aparente: os meninos estão mais revoltados. A violência cresceu muito. O desemprego faz cada vez mais vítimas. A inflação também cresce sem parar...

Mais meninos estão nas ruas... Há mais pessoas sem esperança.

No ano passado, o padre Reginaldo Veloso esperava que da morte de João Batista saísse luz e esperança. Mais vida e muita fé...

## Tiros no Arruda



Na última quinta-feira da Semana Santa, um feriado, por volta das duas horas da tarde um grupo de meninos resolveu brincar num sítio perto de uma construção de apartamentos financiados pela Caixa Econômica Federal, no Arruda.

De repente surgiram oito homens armados de revólveres, dando tiros pra tudo que era lado. Um menino foi baleado e levado para a Fundac. Os demais meninos se esconderam. A educadora Margarida foi avisada desse fato, procurou o Cendhec e, mais tarde, conseguiram liberar o menino.



O **Grito dos Meninos e Meninas de Rua** é uma publicação do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua/PE. Rua Floriano Peixoto, 85 - Ed. Vieira da Cunha, sala 341 - Fone: 224.8831. Recife PE. Reportagem: Comissão de Imprensa. Edição: Paulo Gonçalves (DRT PE 1762) Recife, junho de 1992.

## Festa e Alegria no 1º de Maio

**E**ram duas horas da tarde do dia 1º de maio. Iniciava-se ali a concentração dos meninos e meninas de ruas do Recife, Igarassu, Olinda, Arassoiaba e Jaboatão, em frente ao Palácio do Governo, na Praça da República. Os meninos estavam com chapéus feitos por eles próprios, cada cor simbolizando uma realidade.

Os amarelos mostravam a situação das escolas: de péssima qualidade, sem merenda, sem professores, com funcionários recebendo salários muito baixos, sem material, sem bancas e sem livros.

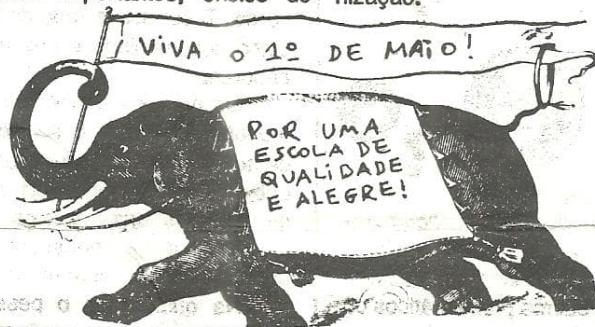
Nos chapéus vermelhos, estava a nova escola sonhada pelos meninos: uma escola que estimula a vida, que faz caminhar, que questiona e procura

caminhos e saídas possíveis, de acordo com as condições, sem frescuras nem invenções que não funcionam. Um sonho bonito e possível de se realizar.

As três horas da tarde saiu a passeata em direção ao Parque Treze de Maio. Mesmo sem cobertura das rádios ou das TVs, os meninos se sentiam muito importantes, cheios de

auto-estima. E caminharam ao encontro dos trabalhadores organizados, que também se concentraram no Parque.

Neste ano, em relação aos anteriores, havia mais trabalhadores, menos discursos, mais arte, mais alegria, mais vida. Os meninos curtiram pra valer a festa deste 1º de maio e gostaram muito da sua própria organização.



### O padre está equivocado!

Causou mal estar a acusação feita pelo presidente do Conselho Estadual de Defesa da Criança e do Adolescente, padre Ramiro, ao Grupo Ruas e Praças. O padre perguntou, em determinada ocasião, se o Grupo "quer realmente tirar os meninos das ruas".

É lógico que o Grupo é contra estas ações violentas da Prefeitura, da forma como são feitas. Assim como combate a violência do Juiz contra os meninos que pedem esmolas. É contra, porque sabe que não há lugar para onde levar os meninos e, muito menos, há quem os eduque.

Porém, enquanto o padre acusa, continuam acontecendo

fatos muito interessantes. Vamos a um deles: em Santo Amaro, no mês passado, apareceu um novato nas ruas. Ele encontrou com outros meninos, chamados Raminho e Boanerges, que vivem nas ruas e que lhe disseram o seguinte:

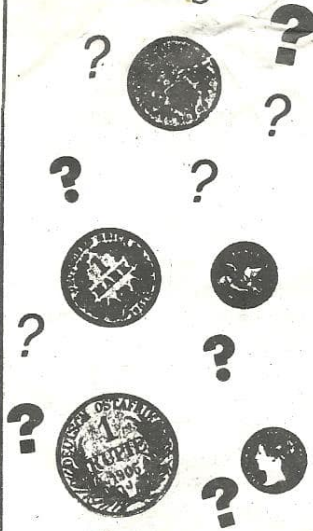
"Aqui não é lugar para você. A nossa barra é muito pesada. Mas hoje você fica com a gente, não cheira cola nem se envolve com os outros. Amanhã vamos levar você para conversar com Antônio das Olindas e com Rafael, educadores que trabalham com a gente. Juntos vamos ver como você vai voltar pra casa de sua mãe."

E assim foi feito. No ou-

tro dia os três foram para o Grupo Ruas e Praças e, de lá, para o Arruda, visitar a mãe do novato. Ela chorou de alegria quando viu o filho de volta. Marcaram então uma hora para visitar a Escola do Jovem Trabalhador, que funciona no CTC e que está aberta para os meninos de rua, graças à ação do grupo Ruas e Praças. Ali estão muitos jovens que saíram das ruas e que hoje estão trabalhando, sendo este o espírito que anima o trabalho desenvolvido pelo Grupo.

É lamentável, portanto, que o presidente do Conselho analise o trabalho de maneira tão equivocada e seja tão infeliz nas suas avaliações.

## Seis meses de estiagem



Os grupos não-governamentais que trabalham com os meninos de ruas e de bairros problemáticos do Recife, estão a seis meses sem receber um tostão. São seis meses sem qualquer verba para os educadores, nem para comprar comida e material didático para os meninos.

É possível se fazer um trabalho sério e sistemático dessa maneira? Claro que não. Fala-se muito nos problemas dos meninos de rua, mas o Estado e as prefeituras do Recife e de Olinda não colaboram com um centavo para ajudar na resolução dessa questão.

Seis meses sem dinheiro é para matar - ou será que não é mesmo este o objetivo das autoridades???

## Capim de Cheiro

A cada terça-feira duas Kombis lotadas de meninos e meninas de rua do Recife e Olinda seguem para Capim de Cheiro. Entre os meninos vão também alguns educadores. E o sítio de seis hectares está a cada semana mais bonito. A casinha está limpa, com uma infraestrutura bem montada, enquanto na roça, já tem plantação de milho, inhame e feijão verde. Tudo isso é fruto do trabalho dos meninos e dos educadores.

Os meninos também estão mudando. O efeito é surpreendente até para os educadores, que ficam de boca aberta com os avanços. Os meninos brigam para ir e demonstram um grande desejo de ficar por lá!

Na quarta-feira o pessoal volta para a rua, o que significa

sempre um grande choque. Sair do "paraíso" - como os meninos chamam ao sítio - e voltar para a rua, com suas violências e suas incertezas, causa um abalo imenso, que não há quem agüente. Tudo isso prova que existe um outro caminho. Existe uma saída e os meninos querem conhecê-la.



## Guerra no Centro da Cidade

Numa noite de sábado, altas horas da madrugada, a Prefeitura e a Polícia resolveram "limpar" as ruas do Centro da cidade. Fecharam as entradas e saídas, retiraram tabuleiros, quebraram barracas, cercaram as ruas com grades de ferro, expulsaram camelôs, meninos de rua e prostitutas.

Tudo isso com o objetivo de defender os interesses dos grandes comerciantes. Gastaram uma verdadeira fortuna para "limpar" as ruas, deixando-as só para os grandes comerciantes. A Prefeitura não libera um centavo para ajudar a resolver os problemas dos meninos de rua. Mas tem verba para pagar policiais,

guardas, seguranças...

E para que as grades e portões nas ruas? Equanto até o muro de Berlim - que separava as duas Alemanhas, Oriental e Ocidental - já caiu, aqui se constrói portões para limitar os passos do povo, para proteger e separar uma pequena parcela da sociedade.

Os meninos e educadores gritam contra os portões, contra esta separação entre ricos e pobres, negros e brancos. Aplaudimos a queda do muro de Berlim mas o governo municipal ergue barricadas contra o povo. É um vergonhoso salto em direção ao passado.